

mudar a



vida

publicação do graal

Publicação bimestral — 25\$00



PORTE PAGO

57.

NOV. / DEZ. 1985

- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos



VIVER OU ULTRAPASSAR O TEMPO (1)

Baseando-se nas tradições hindú e cristã, e tendo em vista o homem contemporâneo, o autor afirma a existência de uma conexão entre a experiência humana do tempo e a prática igualmente humana do sacrifício. Pretende reduzir o desconforto temporal do homem moderno — que deseja ultrapassar o tempo mas não sabe como fazê-lo — através de uma hermenêutica do sacrifício como mediação entre tradição e modernidade.

Por sacrifício entende-se aqui, o ritual humano básico, e a tese apresentada será a de que «o sacrifício é um conjunto de ações pelas quais o homem tenta ultrapassar o tempo, ou seja, tenta escapar-lhe, negá-lo ou integrar-se ne e»

Por tempo entende-se a consciência humana das sequências de acontecimentos, consciência através da qual o homem deduz as sequências «duracionais» de si mesmo e do mundo.

UMA EXISTÊNCIA TEMPORAL

O homem é um ser temporal, um ser imerso no tempo, feito de tempo, e no entanto constantemente insatisfeito com a sua existência temporal, tentando por todos os meios possíveis ultrapassar o carácter temporal do seu ser. As culturas parecem ter postulado essa tentativa, ao proclamarem a existência de «uma taça transbordante por cima do tempo», ou ao exortarem o homem à dimensão supra-temporal; por outras palavras, postulando uma realidade distinta, na qual «não haverá já tempo». Mas o homem moderno quebrou o vaso da eternidade e encontrou-o vazio. Contudo, não se curou dessa nostalgia de eternidade, nem foi capaz de vencer a sua inquietação temporal. A crença numa realidade transtemporal poderá ser vista como uma doença, mas o homem não descobriu ainda remédio para ela. A hermenêutica do sacrifício poderá ajudar-nos a perceber a continuidade existente entre tradição e modernidade, e conseqüentemente ajudar-nos a descobrir o ritual capaz de fazer face ao problema

sempre recorrente da insatisfação do homem quanto à sua própria temporalidade.

Mas por que razão queremos ultrapassar o tempo? O que quer isso dizer exactamente?

O TEMPORAL E O ETERNO: UMA TENSÃO

A tensão entre o eterno e o temporal é uma constante humana. Essa constante pode ser identificada com a tensão construtiva da consciência entre o ser e o devir, entre o uno e o múltiplo, entre a identidade e a diferença, o divino e o humano, a mudança e a continuidade ou, também, entre tempo e eternidade, entendendo-se por esta o sem-tempo ou a plenitude dos tempos.

Esta constante humana tem a sua fonte no despertar de uma consciência que traz consigo a noção dos limites do homem, o que implica, simultaneamente, um quase irresistível desejo «de espreitar» para uma outra margem da vida. São diversos esses limites expe-

rimentados pelo homem: limite do conhecimento (poder), do espaço (comunicação), do tempo (plenitude). O homem não sabe tudo, não pode ir a toda a parte, não pode abarcar toda a extensão temporal da sua existência. A consciência do conhecimento limitado das coisas e a sua limitação no espaço não são para o homem, em última análise, tão inquietantes como o é a consciência do seu limite temporal. Esta consciência implica não só a impossibilidade de englobar o passado e o futuro no presente vivido, mas ainda a descoberta chocante de um limite normalmente não experienciável **a quo**: o nascimento; e de outro limite ainda mais intrigante e igualmente não experienciável **ad quem**: a morte. Este limite temporal toca o cerne do homem e não é tanto uma consciência (tolerável) de finitude, como a consciência de uma (irritante) imperfeição.

Quer isto dizer que experimentamos a limitação como qualquer coisa de doloroso, de humilhante, como algo que não deveria ou não teria de ser assim, da mesma maneira que um obstáculo existe para ser ultrapassado ou um castigo para ser sofrido, ou ainda como uma condição humana intrínseca que precisamos de aprender a aceitar. Em resumo: experimenta-se esta limitação como um problema que exige uma solução ou então a sua rejeição enquanto problema. O facto de não podermos possuir-nos a nós mesmos, nem podermos abranger na totalidade a nossa própria existência, e de o nosso eu ter de confiar numa memória frágil que apenas guarda alguns fragmentos do seu passado, e de estar, em relação ao futuro, reduzido a pura especulação, podendo apenas antever alguns dos seus aspectos, tudo isto é como que um insulto, uma contínua ameaça à identidade do homem. Como posso estar seguro do meu eu actual se estou tão diferente do ano passado por esta altura e se o próximo ano parece ser tão imprevisível? O meu verdadeiro eu não pode ser só o eu de agora, e, contudo, isto parece ser realmente tudo o que possuo.

A coisa mais espantosa, no entanto, é o facto de, ao termos consciência desta visão, vivermos no hoje, em certo sentido, uma presença do nosso passado e do nosso futuro. A consciência humana parece ser especialmente transtemporal. De alguma maneira, se quero ser eu mesmo, tenho de abarcar em mim estes três momentos do tempo e tenho provavelmente também de transcender esses tempos. Em suma: conquistar o tempo, isto é, dominar a minha dispersão temporal, parece ser a condição fundamental para poder ser eu mesmo. Mas como consegui-lo?

FORMAS DE VIVER A TENSÃO

Tomo como um dado a existência de uma tensão entre a experiência do presente e, pelo menos, a totalidade da nossa existência temporal, e ainda a existência da necessidade de fazer face a essa tensão. E digo «pelo menos» porque a formulação tradicional dessa tensão fala não apenas de abarcar passado, presente

e futuro, como também de uma transcendência global do tempo: fala de tempo e de eternidade. Aqui devemos evocar o incremento tremendo da consciência histórica no Ocidente moderno. A História tenta reduzir a tensão entre passado e presente e também entre presente e futuro, desempenhando a mesma função em ambos os casos, ou seja, ligando tempo e eternidade ou pelo menos reunindo diferentes fragmentos do tempo.

Surgem várias formas de encarar esta inquietação humana fundamental. Uma delas tenta ultrapassar essa tensão; outra procura suportá-la.

A primeira alternativa oferece dois caminhos: ou nega a própria base da tensão, não sendo assim preciso ultrapassá-la; ou tenta transformar as condições dessa tensão, para que possa ser dominada.

O primeiro caminho de solução é representado pelo budismo, que nega pura e simplesmente a existência do «paciente»: se tudo é mutável e cada momento é novo, a causa da inquietação elimina-se por si mesma. O segundo caminho, ou seja, a transformação das condições da tensão, oferece uma dupla possibilidade: ou o ser é identificado com a consciência — e então temos uma transformação fundamentalmente gnoseológica —, ou não, e então trata-se de outra transformação predominantemente ontológica.

O primeiro caso é exemplificado pelo típico sistema vedântico que afirma que se trata de uma questão de alargar, expandir, atravessar o eu até emergir a consciência do **âtman**, a «alma» individual, a qual então realiza a sua identificação com **brahman**, o princípio divino, sem início nem fim, o imortal, o sem-tempo. No segundo caso, temos a maioria das tradições religiosas do mundo, que crêem na possibilidade de uma real transformação do homem quanto à possibilidade de transcender a tensão entre o temporal e o eterno, representando este último todo o tipo de vitória autêntica sobre uma existência meramente temporal. Os modos de viver esta transformação são tão numerosos quanto as diferentes tradições religiosas.

A segunda classificação de caminhos alternativos no tratamento do problema da temporalidade rejeita como consolação alienante toda a tentativa de escape ao limite constitutivo do ser humano. Esta alternativa aceita a temporalidade com o elemento inerradicável da nossa condição humana. A aceitação dessa condição pode ser vista como uma atitude nobre, e bela, e o humanista é então um verdadeiro herói; ou pode ser vista como um reconhecimento realista da condição humana, e então a única atitude humana coerente e verdadeira é o desespero e o absurdo.

O SACRIFÍCIO — MEIO UNIVERSAL DE FAZER FACE À TENSÃO

O budismo radical tem sido forçado a falar do inevitável; o vedanta ortodoxo tem sido obrigado a distinguir dois planos na existência; várias técnicas de sal-

vação tiveram de ceder nas suas regras e mandamentos; os humanismos extremistas tiveram que aceitar diversos modelos (e até a ausência deles) de existência humana; o nihilismo radical acabou por reconhecer que o homem é capaz de crescimento e por isso, capaz de transcendência.

Todas estas atitudes, claramente discordantes, têm algo em comum. Contêm um conjunto de regras, de projectos, de meios — mesmo se são apenas convicções ou intuições — através dos quais o sentido e a finalidade da vida se alcança. Por outras palavras, parece existir um consenso quanto aos limites do eu; limites esses que existirão só no tempo presente, quer dizer, por se viver no tempo — mesmo que essa realidade seja a única que de facto existe. Tal reconhecimento abre caminho à cura dessa cicatriz da temporalidade.

Mesmo as perspectivas mais radicais parecem aceitar o facto de que algo terá de fazer-se para possuir autenticamente a nossa humanidade e poder atingir o pleno significado da vida humana.

O PRESENTE COMO ESPERANÇA

Na situação histórica presente, permanecer fiel à origem histórica significa dar a essa origem, no presente, um futuro; quer dizer: apreender o próprio presente como esperança.

A relação com o mundo, diante do qual a fé cristã deve justificar-se, está orientada para o

Esse significado poderá ser o vazio, ou um futuro melhor, ou a eternidade, a justiça, a revolução — em qualquer caso, a condição humana exige um acto, ou uma série de acções, através das quais possa crescer, desenvolver-se, ou passar a um outro estágio. Noutras palavras: o **ritual** é qualquer coisa de necessário na medida em que confere ao homem a possibilidade de se libertar das amarras do provisório. Ritual é o acto pelo qual o homem tenta alcançar, obter, exprimir, ou fazer o que por outros meios lhe é inacessível. Por exemplo, adorar a lua pode ser um ritual, se não houver outra forma de a nível pessoal com ela comunicar. Dizer uma oração — com fé, claro — enquanto se toma um remédio, é um ritual, se não se acreditar na eficácia total de produtos bioquímicos. Uma refeição torna-se acto sacramental quando não apenas alimenta o corpo ou renova o espírito, mas também infunde graça nos que nela participam. É neste terreno comum, com toda a ambivalência que possui, que a natureza e função do sacrifício se situam.

futuro num sentido fundamental, por isso não é entendida como puramente contemplativa, mas como claramente operativa.

J. B. Metz, Zur Theologie der Welt,
Chr. Kaiser-Verlag, München, 1968.

A CONCEPÇÃO VÉDICA E A CONCEPÇÃO CRISTÃ DE SACRIFÍCIO

Antes de analisarmos a relação tempo/sacrifício, vejamos duas diferentes noções de sacrifício em duas grandes tradições religiosas.

Pode descrever-se a quintessência da tradição védica mencionando apenas alguns dos seus traços. É pelos sacrifícios que, não só os homens, mas igualmente os deuses, atingem a imortalidade. Pelo sacrifício o homem atinge o céu, a liberdade, a felicidade, a purificação dos pecados, um estágio superior. É o sacrifício que ajuda o homem a ultrapassar a sua condição humana, porque, ao realizar o sacrifício, o homem como que chega ao centro do mundo e só pode viver uma existência através do sacrifício e dentro dele. É pelo acto sacrificial que o homem chega às margens do outro mundo e é salvo das garras do tempo. A literatura brahmânica insiste em que o homem é capaz de atingir a plenitude da vida, uma vez que «a Imortalidade do homem é a plenitude da vida». A espiritualidade **jnânica** vai mais longe ao proclamar que através do sacrifício espiritual o homem é salvo do tempo, quer dizer, é dele liberto. A acção sacrificial é a acção mais significativa, pois que nela o homem colabora com o mundo e com os deuses para sustentar todo o universo. Em resumo poderá dizer-se que estas e outras expressões só fazem sentido, se descobrirmos

no acto do sacrifício a textura última da realidade, ou seja, se encararmos o sacrifício como o acto pelo qual o universo se realiza e pelo qual se mantém em existência.

Disto tudo emerge o seguinte traço: o sacrifício, na tradição védica, é todo o acto pelo qual o homem toma parte num poder sobrenatural. Para além do presente imediato, o homem viaja até aos confins do passado, por vezes até ao começo dos tempos, ou ainda até às fontes do futuro, e em alguns casos até mesmo ao fim dos tempos. O acto sacrificial pode servir igualmente para conseguir um ou outro desejo temporal, mas difere em última análise de qualquer outro acto por essa expansão que permite do tempo humano e pela libertação da dependência relativamente ao tempo.

Na tradição bíblica cristã é central a importância do sacrifício de Cristo, como acto único que uma vez por todas deu vida nova ao mundo. Trata-se do sacrifício já prefigurado nos sacrifícios de Abel, Melquisedech, Abraão. Cristo é o sumo-sacerdote de toda a humanidade. Ao comemorar esse acto na liturgia, o cristão não está a repetir o seu gesto, nem simplesmente a rememorar, mas entra em relação com o gesto iniciador do mundo, gesto redentor do cosmos, o qual se continua até à divinização total do universo. Por essa razão o sacrifício cristão perdoo os pecados, tem

poder de expiação e os seus frutos são válidos para os vivos e para os mortos. Deus-tudo-em-todos não é uma situação que automaticamente se atinge, é antes o resultado da acção de Cristo, sacerdote, ou seja, mediador (e não apenas intermediário) de toda a criação.

Também aqui um traço resume o significado do sacrifício de Cristo e dos cristãos: esse sacrifício é um acto que transcende o tempo e o espaço, um acto pelo qual os pecados passados são perdoados e a graça futura é garantida, um acto que nos une ao início do mundo e que tem repercussões escatológicas.

O SACRIFICIO DO TEMPO

O paradigma subjacente a estas duas tradições, como a muitas outras, é claro: o homem, prisioneiro do tempo, ultrapassa a sua limitação temporal ao participar num acto que tem em si mesmo significado transtemporal. O ritual do sacrifício **salva** o homem, não deixando que fique submerso na «temporidade» quotidiana. Ao realizar um sacrifício, o homem torna-se contemporâneo dos deuses e do gesto criador de Deus no começo e no fim deste universo. Partilhando do sacrifício, o quotidiano torna-se «tempiterno», ou seja, toma uma forma de existência que já não se compõe de tempos passado, presente e futuro, mas que, no entanto, não está completamente desligado desses tempos.

O sacrifício será pois um gesto pelo qual se ultrapassa o tempo; é fundamentalmente o sacrifício do tempo. Este é sacrificado, destruído, atravessado, ficando a descoberto um centro transtemporal. Mas o tempo existe porque o sacrifício primordial deu origem à realidade temporal. Assim, poderiam resumir-se, pelo menos estas duas tradições, altamente representativas, dizendo que «o tempo tanto nasce como se desvanece através do ritual». É o sacrifício que cria o tempo e que cria este mundo temporal, e é também o sacrifício que

destrói o tempo e permite ao mundo chegar a esse cerne «tempiterno».

Quando cristãos e hindús realizam o sacrifício, poderão ter intenções de ordem mais imediata, que de certo modo apaguem o seu significado último. Contudo, é este significado último o que constitui a intuição subjacente mais profunda que garante a perseverança e a intensidade de acção sacrificial. Pelo sacrifício, os crentes não apenas adquirem méritos e perdão, mas ainda, e sobretudo, atingem a salvação, quer dizer: o reino ontológico que de outro modo lhes estaria vedado. Através da acção sacrificial eles entram em contacto com o início e com o fim dos tempos, com os seus antepassados, com a situação escatológica do universo. Colaboram no funcionamento do mundo, e em certo sentido sentem, não apenas que não estão perdendo o tempo, mas pelo contrário acreditam que estão a realizar uma acção fecunda para si mesmos, para os outros homens e para o mundo inteiro. Efectivamente, o sacrifício tradicional não salva nem liberta o homem do mundo, mas salva o mundo — e portanto salva o homem também. Destruir o tempo não é o mesmo que desperdiçá-lo, mas é atravessá-lo, de modo a separar o que é duradouro e eterno do que é perecível e temporário.

Em termos do horizonte mais amplo das tradições religiosas poderá afirmar-se que o próprio tempo é sacrifício e aí o molda, para que uma vez sacrificado, existência transtemporal. O homem coloca o seu próprio tempo, e o Tempo no seu conjunto, no altar do sacrifício e aí o molda, para que uma vez sacrificado o homem fique liberto das suas amarras, ou seja, vença a morte e o mundo possa assim revelar o seu estatuto transtemporal. Ser capaz de realizar este acto **constitui** a dignidade humana. E apesar de não poder realizá-lo sozinho, o homem por assim dizer conduz o cosmos para o seu verdadeiro destino transtemporal.

R. Panikkar, in *The Study of Time III*,
Springer-Verlag, N. York, 1978.

O ANEL DA EXISTÊNCIA

Tudo vai, tudo volta; a roda da existência roda eternamente.

Tudo morre, tudo floresce de novo; o ciclo da existência percorre-se eternamente.

Tudo se rompe, tudo se concerta; eternamente se constrói o mesmo edifício da existência.

Tudo se separa, tudo se reúne novamente; o anel da existência para sempre permanece fiel a si mesmo.

Nietzsche, Also Sprach Zarathustra.
Das Bergland-Buch, Salzburg, 1952.

Publicação bimestral. Assinatura anual: 150\$00; estrangeiro: 400\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes. Inscrito na DGCI com o n.º 106 032.

Propriedade e administração: GRAAL — Rua Luciano Cordeiro, 24, 6.º-A — 1100 Lisboa. Comp. e impressão: Silvas - Coop. de Trab. Gráficos, crl.

